

Múltiplos olhares sobre a sustentabilidade de ações educativas em comunidades populares

André Luiz Carvalho¹

Carlos Ângelo de Meneses Sousa²

Elizabeth Aiko Oda³

Maria Auxiliadora A. dos Santos⁴

Vânia Aquino⁵

A sustentabilidade de ações educativas em comunidades populares está diretamente relacionada com os processos de participação dos diferentes sujeitos sociais que, atuam na elaboração e implantação de projetos sociais e comunitários populares.

A opção da Pró-Reitoria de Extensão - PROEx por projetos que tenham como uma das principais metas a sustentabilidade é um grande desafio para a Universidade. Ao se comparar outras possibilidades e práticas que existem de elaboração e implantação de projetos sociais e comunitários, esse desafio se torna premente. Há no Brasil, inúmeras instituições, grupos e associações que têm como objetivo fazer alguma coisa “para” a sociedade, para algum bairro, para um grupo. Existem diversas atividades que chamam a atenção pela capacidade mobilizadora de grande número de pessoas, mesmo que tenham curta durabilidade. Existem instituições e ONG's preocupadas em realizar levantamento dos benefícios que podem “levar” para a sociedade.

O caminho escolhido para desenvol-

ver o projeto Alfabetização e Comunidade Educativa no Riacho Fundo II vai contra a corrente do imediatismo, da pontual efervescência das massas, dos grandes impactos que, em geral, a maioria das instituições almejam. Enfim, é uma proposta que pretende romper com o paradigma da artificial visibilidade e alcançar a sustentabilidade. Para tanto, é indispensável trilharmos outros caminhos pedagógicos. Sintonizados com Paulo Freire, diríamos que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”. Mas que, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2000, p. 25).

Pode-se dizer que o Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa no Riacho Fundo II tomou forma, a partir do diálogo entre pessoas da comunidade do Riacho Fundo II e a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Católica de Brasília (UCB), representada pela equipe de

¹ Mestrando em comunicação.

² Doutor em Sociologia.

³ Mestra em Sociologia.

⁴ Mestra em Ciências da Educação.

⁵ Mestra em Linguística.

professores que nela atua. Verificou-se que a população da cidade satélite Riacho Fundo II tinha diversas demandas sociais, econômicas, dentre outras. A comunidade educativa foi adotada com um objetivo a ser alcançado, no qual haveria empenho na construção coletiva, partindo do potencial existente em cada participante do projeto como instrumento de capacitação e autogestão para elaborar projetos de melhoria da qualidade de vida local.

O projeto teve início em 2001, quando o Riacho Fundo II era uma sub-administração do Riacho Fundo I, com menos de 10 mil habitantes. No início de 2005, esse número já ultrapassava os 20 mil habitantes, com diversos projetos de expansão local e a oficialização do status de região administrativa. Verificou-se que

é composto por famílias, em sua maioria, vindas de ocupações do Distrito Federal como a da Estrutural, Samambaia e SIA - Setor de Indústrias e Abastecimento. Pessoas migrantes dos Estados mais diversos, principalmente do Nordeste. O que a maioria tinha em comum era a situação de pobreza e a esperança de estarem conseguindo ali um lote para construir sua casa. (VIEIRA; CARVALHO; ODA, 2004, p. 272).

Junto à situação de pobreza, detectou-se diversos casos de pessoas, ainda analfabetas. Esse quadro reflete a situação brasileira, onde o analfabetismo atinge cerca de 16 milhões de pessoas acima de 15 anos (SECAD/MEC, 2005) e, no DF, aproximadamente 93 mil pessoas, ou seja, 4,5% da população local (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2005).

A proposta de comunidade educativa estava, portanto, vinculada à alfabetização de jovens e adultos, visando a “construção de uma comunidade educativa, na qual todos são convidados a produzirem seu saber, assumindo-o como ferramenta na luta pela melhoria da qualidade de vida” (CUNHA FILHO, 2001). Espe-

cificamente para o processo de alfabetização, a UCB “adotou a Prática Pedagógica na Perspectiva Histórica, cujo foco volta-se para a leitura e a escrita como práticas sociais e culturais. A partir dessa perspectiva, é possível superar o senso comum e passar a questionamentos mais aprofundados a respeito da realidade em que se vive.” (SILVA, 2004)

O olhar para si e para seu entorno - o despertar para a educação.

A Prática Pedagógica na Perspectiva Histórica age de forma a conquistar, a partir da diversidade encontrada em sala de aula, um espaço rico para a troca de experiências e de saberes entre todos.

No DF, centro do poder público brasileiro e de uma diversidade cultural resultante de imigrações de diversas regiões do país, predomina a cultura do letramento, o que torna extremamente difícil a situação do analfabeto. Relatos diversos dos alfabetizandos do projeto revelam o constrangimento pelo qual passam por não serem alfabetizados, como se pode ver na fala de um deles:

Eu tinha vergonha de falar que eu era analfabeto. Essa é que é a realidade. Eu convivo numa sociedade, que todo mundo com quem eu converso pensa que eu tenho uma boa leitura. Eu senti uma pancada muito grande que fez eu perder a vergonha e vir pra alfabetização. Numa reunião, que eu sou do PT, convivo direto com deputados e senadores, eu não tive ação. Tudo que o senador perguntava eu falava sim, sim, sim, com vergonha do meu português. Aí cheguei em casa e falei: vou estudar (informação verbal)⁶

O ato de educar parte, então, de um entendimento da realidade do educando, que se processa no ato de propiciar ao estudante uma ação reflexiva sobre o que vê, compreende e vivencia, para que ele possa expressá-la reflexiva e criticamente e, portanto, expressar a si mesmo, assumindo a responsabilidade de ser elemento de mudança da realidade. Seus depoimentos revelam que a auto-estima melhora depois que aprendem a ler, a escrever e a lidar com problemas matemáticos:

⁶Depoimento fornecido por Prisco F. de Melo, em 2004, para vídeo “Tão bom tempo”, produzido por Leidiane Sousa como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social/UCB.

Um dia fui nas Casas Bahia. Fui comprar lá uma sala, um quarto. Daí fizeram lá um papel e disseram assim: 'seu Antônio, venha cá, bote o dedo aqui'. 'Não, eu sei fazer o meu nome, eu aprendi'. 'Mas aqui na sua identidade (eu ainda não tinha tirado uma nova identidade), não está que você sabe'. 'Pois pode guardar as coisas que eu não quero não'. A moça disse: 'vou falar ali com o gerente'. Daí falou com o gerente e ele disse: 'se ele sabe, pode'. 'Assim eu vou. Se não for assim, não levo não'. Graças a Deus, me sinto feliz, eu sei fazer o meu nome. (informação verbal)⁷

Aprender a fazer o nome é apenas o primeiro passo, mas muito significativo para os alfabetizandos. Ler, escrever e resolver problemas matemáticos representam, para esses adultos, conquistar autonomia, aumentar a confiança, melhorar a auto-estima, entender melhor o mundo e ser mais feliz. Todos esses aspectos se constroem e se desenvolvem não apenas considerando situações de sensibilização simulada externamente ao sujeito, mas fundamentalmente na e a partir das relações entre as pessoas. A aprendizagem é resultado da interação, cuja qualidade faz a diferença.

Para se assegurar essa qualidade, a formação do alfabetizador é uma das preocupações do projeto. O Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa possui uma equipe multidisciplinar de professores⁸ destinada a acompanhar as suas ações como um todo, as turmas de alfabetização, bem como realizar a formação inicial e continuada dos alfabetizadores. No princípio, os alfabetizadores do projeto eram alunos da Universidade, o que permitia à equipe um contato diário com eles e a possibilidade de realização de uma formação continuada mais precisa: metodologia, conteúdos específicos, planejamento constavam da pauta das reuniões semanais realizadas na Universidade. Garantia-se a qualidade do

processo ao se ter alfabetizadores melhor preparados do ponto de vista do domínio da metodologia e dos conteúdos específicos. O plano, contudo, era trabalhar com alfabetizadores da comunidade, assegurando, além do que já era feito, maior proximidade entre alfabetizador e alfabetizando. Ter um alfabetizador que conhecesse a realidade local permitiria construir discussões mais específicas e aprofundadas em sala de aula.

Essa conquista foi alcançada em 2004, com a participação de três pessoas da comunidade à frente das turmas de alfabetização. De imediato, verificou-se a motivação e a vontade que tinham em aprender, porém a dificuldade de se prosseguir com o processo de formação continuada, nos moldes anteriores, logo apareceu devido a questões financeiras – deslocamento dos alfabetizadores, semanalmente, para a Universidade ou da equipe para o Riacho Fundo II. Continuaram as visitas semanais às turmas, porém o encontro de formação passou a ser mensal. Essa realidade se mantém ainda hoje, quando à frente das turmas de alfabetização estão moradoras do Riacho Fundo II, dedicadas, sonhadoras e com sede de aprender, no entanto, sem as reais oportunidades para isso. O depoimento de uma alfabetizadora, em maio de 2004, retrata bem essa realidade:

Como alfabetizadora, me sinto feliz, pois estou partilhando do pouco que sei para aqueles que não tiveram oportunidade, quando criança. O que acontece na sala de aula todos os dias na verdade é uma troca de aprendizagem (...). Esse trabalho não requer somente habilidade, se não incluímos amor, paciência, solidariedade, de nada vale tanto esforço. Tenho muita vontade de me preparar melhor com um curso superior, a minha situação financeira não permite, mas tenho certeza que um dia essa oportunidade vai chegar. (informação verbal)⁹

⁷ Depoimento fornecido por Antonio Mariano, em 2004, para vídeo "Tão bom tempo", produzido por Leidiane Sousa como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social/UCB.

⁸ Há profissionais das áreas de Linguística, Sociologia, Comunicação Social, Pedagogia, Matemática, Filosofia e estagiários de Letras, Psicologia, Pedagogia e Comunicação Social. Essa diversidade tem gerado um diferencial expresso no rico planejamento e interação das ações desenvolvidas nas comunidades.

⁹ Depoimento fornecido por Ana Maria da Silva, em 2004.

Os principais resultados da alfabetização certamente estão no despertar de todos para a importância da educação. Tanto alfabetizados, quanto alfabetizadores têm demonstrado interesse em prosseguir estudando. Em setembro de 2004, um levantamento feito pela equipe de professores que atua no projeto revelou que cerca de 30% dos alunos que passaram pelo projeto continuam estudando; a maioria na rede pública de ensino do DF.

Além da alfabetização de jovens e adultos, o projeto, paralelamente, conseguiu agregar um grupo gestor composto por pessoas preocupadas com a melhoria da qualidade de vida de suas famílias, bem como a da população do Riacho Fundo II. Este grupo, sem expectativas de receber apoio material da Universidade e consciente de que a melhoria da qualidade de vida da cidade não dependia da centralização, mas da descentralização das ações e decisões, assumiu o gerenciamento do projeto e conseguiu ver, de maneira crítica, que a melhoria da qualidade de vida no RFII não dependia da centralização de ações em si mesmo. Nota-se aí uma mudança de concepção política, em que há a necessidade de tornar participativas as decisões e ações, principalmente de divulgação do projeto, planejando atividades de interesse da comunidade local: cine-clube, cinema, teatro de bonecos, oficinas de curta duração, dentre outros.

A sustentabilidade do olhar

Uma das estratégias de mobilização da comunidade e de construção do saber local que vem sendo realizada, recentemente, no Riacho Fundo II é o cine-clube. Constituído como um espaço itinerante de exibição e discussão de documentários brasileiros de curta (até 15 min.) e

média (de 16 a 50 min.) metragem, com uma frequência de, no mínimo, uma exibição mensal, o cine-clube nasce de uma necessidade dos próprios jovens do Riacho Fundo II que integram o grupo gestor do projeto. Concebido numa oficina de vídeo comunitário, Oficina de Imagem Popular, realizada na Universidade Católica de Brasília, de 01 de julho a 02 de agosto de 2002, essa atividade fora proposta por uma empresa privada, a Karibu Cinema, e viabilizada pela Pró-Reitoria de Extensão da UCB.

Durante um mês e um dia, adolescentes e jovens com idade entre doze e vinte anos, oriundos de quatro localidades do Distrito Federal (Riacho Fundo II, Areal, Taguatinga e Ceilândia), participaram de uma oficina de produção de documentário em vídeo, dividida em três etapas: sensibilização e introdução à linguagem audiovisual, desenvolvimento de roteiro e noções técnicas, produção e finalização dos documentários. O resultado foi a elaboração de quatro vídeos pelos vinte e quatro participantes da atividade – “Parque do Areal”, “Retratos não Registrados”, “Albergue de Imigrantes” e “Cidade dos Cavalos” – sob a supervisão de cinco oficineiros (Karibu) e quatro monitores (estudantes da UCB).

Terminada a Oficina de Imagem Popular, surge



Comunidade Riacho
Fundo II

então a proposta de continuidade de um espaço permanente de exibição de vídeos no Riacho Fundo II. O cine-club acontece, portanto, em consequência de uma ação democratizadora do acesso à linguagem audiovisual como forma de expressão, capaz de abrir uma perspectiva de disseminação de um saber experimentado, que agora é compartilhado entre esses jovens e a comunidade. E, nesse sentido, vale ressaltar a importância de se iniciar um trabalho de “alfabetização visual”, defendido por Dondis como “algo além do simples enxergar, como algo além da simples criação de mensagens visuais. O alfabetismo visual implica a compreensão e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade” (DONDIS, 1997, p.227).

Abre-se uma perspectiva permanente de leitura crítica e política da imagem técnica (fotografia, cinema e vídeo), com uma expectativa de explicitar sua estrutura

interna, discutir sua sintaxe, analisar seus artifícios e verificar suas potencialidades. Essa orientação começa a despertar novos interesses à medida que a comunidade percebe na imagem uma maneira de identificar, valorizar e reconstruir sua cultura.

Em um dos encontros do grupo gestor, uma moradora do Riacho Fundo II sugere a realização de uma oficina de produção fotográfica, justificando seu interesse em elaborar suas próprias fotografias e o seu descontentamento em apenas ser fotografada pelos professores e estagiários da UCB, como mero registro das reuniões. Estabelece-se, então, a importância de se constituir também sujeito e não somente objeto da memória visual do grupo gestor - quer assumir o fazer, colocar-se atrás da câmera, recortar a realidade segundo seu olhar próprio, subjetivo e criador. E aí vale lembrar Debray: “Olhar não é receber, mas colocar em ordem o



Rodrigo Ramalho / Núcleo de Fotografia UCB

Riacho Fundo II

visível, organizar o seu sentido do olhar, assim como o escrito na leitura” (DEBRAY, 1993, p. 91). Em outras palavras, podemos dizer que a comunidade do Riacho Fundo II manifesta o desejo de escrever com a imagem parte de sua própria história.

Além de uma proposta de alfabetização visual e de formação de público para o documentário independente - cuja temática encontra-se muitas vezes voltada para a realidade brasileira, no entanto, não encontra espaço no circuito comercial da TV aberta e do cinema - o cine-clube constitui-se em um território promissor de re-elaboração das percepções de mundo e, portanto de produção de conhecimento. Segundo Vilém Flusser,

o caráter aparentemente não simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas, e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo” (FLUSSER, 2002, p.14).

Quando falamos de um vídeo, na maioria das vezes nos referimos mais diretamente à sua história do que à sua forma. Nesse sentido, o documentário audiovisual apresenta uma forte ligação com o seu referente, ou seja, com um determinado contexto que, por ter existido, pôde ser gravado e transformado em vídeo. A imagem técnica pressupõe a existência de uma realidade anterior a ela, a partir da qual foi elaborada, sua origem, sua matéria-prima. E a certeza da existência desse referente no tempo passado, algumas vezes distante, representa um terreno privilegiado para a reflexão do contexto que se está vivendo no presente e, portanto, próximo.

O documentário restringe-se a um dado recorte no tempo e no espaço, tem começo, meio e fim; limites que não esgotam a totalidade do assunto tratado. E como qualquer forma de expressão, apresenta uma série de lacunas de significação a serem preenchidas pelos seus leitores. Atua, desse modo, como

dentro de um mundo representado (tangível ou intangível), fixo na sua condição documental, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nossos conhecimentos e ansiedades, nossas realidades e nossas ficções (KOSSOV, 1999, p. 46).

Ao término da exibição do cine-clube, o audiovisual passa a representar tão-somente o ponto de partida para a construção de uma série de teias de significados, elaborados por cada leitor/ator/sujeito, tendo como eixo um tema único (a estória narrada), mas dentro da subjetividade de filtros culturais, religiosos, morais, sociais e políticos dos moradores do Riacho Fundo II. Assim, está garantido o diálogo, respeitando-se as diferenças de visões das partes (sujeitos), na busca de um entendimento mais abrangente da totalidade (intersubjetividade).

As sessões do cine-clube são realizadas sempre aos sábados, por volta das 19 horas, em locais distintos da cidade, como salas de igrejas, escolas e prefeitura de quadra. A intenção desta organização itinerante é garantir o acesso às diferentes localidades do Riacho Fundo II. Segundo os membros do grupo gestor, por se tratar de uma cidade dormitório - o que inviabilizaria exibições em horários comerciais e durante a semana - essa é a hora mais apropriada para reunir a comunidade, que, na partilha de suas impressões, opiniões e vivências, partindo do documentário, torna-se mais educativa. Antes das sessões, os vídeos são apresentados e discutidos pelo grupo gestor. A divulgação é feita nas proximidades do local onde ocorrerá o evento e o público não deve ultrapassar cinquenta pessoas, na tentativa de assegurar um diálogo mais produtivo e com a maior participação dos presentes. Essa estratégia tem garantido uma heterogeneidade dos presentes, sem a predominância de alguma faixa etária ou gênero específicos. As exibições costumam levar, no máximo, quarenta minutos, para não cansar os espectadores e, os debates, de quarenta minutos a uma hora.

No entanto, mais que os meios, são fundamentais os interlocutores de todo o processo. O vídeo, de fato, tem se mostrado um instrumento competente na mobilização social, tanto pelo número de pessoas que mobiliza - pelo alcance a diversas localidades - quanto pela

um relê, que aciona nossa imaginação para

divulgação das atividades propostas - pela riqueza das discussões temáticas - entre outros aspectos. Contudo, os resultados gerados por tal apropriação do recurso audiovisual dependem enormemente dos agentes, formas e metodologias de uso. Os principais interlocutores, que iniciaram as sessões de cine-clubes, na experiência do Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa, foram quatro jovens da comunidade: Michel Pinho, Danúbia, Lorena e Davi, que participaram ativamente de todo o processo de construção da comunidade educativa no local, mesmo antes da Oficina de Imagem Popular. Danúbia e Lorena tentaram vestibular na UCB, mas não tinham como se sustentar na Universidade. Foram aprovadas na Universidade Federal de Goiás para os cursos de História e Ciências Sociais e mudaram para Goiânia. Davi e Michel, portanto, apresentam uma compreensão aprofundada do conceito, metas e dificuldades do projeto. Além disso, por serem moradores do Riacho Fundo II, há mais de dez anos, destaca-se ainda uma percepção particular e detalhada da realidade local.

Outro fator que se mostrou de extrema relevância foi a entrada de ambos os jovens para o Curso de Comunicação Social e Filosofia da Católica, via vestibular. Esse fato acabou por aproximá-los da Universidade, garantindo-lhes uma maior apreensão da realidade acadêmica e, mais precisamente, da Universidade Católica de Brasília, com sua missão, seus objetivos, seus processos operatórios, sua cotidianidade; enfim, abriu-se um campo mais promissor ao diálogo entre os universos do Riacho Fundo II e da UCB. Na ocasião, o programa de bolsas de estudos acabou viabilizando a permanência dos jovens no curso. O viés do pertencimento agora também à Universidade, acabava garantindo um maior envolvimento desses estudantes com a instituição e uma atuação bastante próxima à Extensão, sem, contudo, desviá-los de suas competências ligadas à sua cidade.

No entanto, algumas mudanças sofridas no sistema de bolsas acabaram, posteriormente, inviabilizando a continuidade dos estudos desses alunos, pois já não se enquadravam mais nos critérios necessários aos benefícios recebidos anteriormente. As cotas de desconto na mensalidade passariam a ser menores e, portanto, os custos mais elevados. O resultado foi o abandono do curso

superior e o conseqüente distanciamento da Universidade, imposto pelas próprias necessidades cotidianas desses jovens - a procura de um outro local viável para continuarem os estudos e a urgência de conseguirem um emprego, já que agora não detinham mais o benefício que os garantia no curso superior. Mas não abandonaram o projeto, uma vez que continuam sendo os principais interlocutores das sessões de exibição de vídeos. Ao contrário, continuam integrando o grupo gestor e hoje trabalham na busca de soluções que viabilizem a continuidade do cine-clubes. Estão buscando recursos para o projeto que elaboraram; incorporaram outros jovens com interesse na área de cine-documentário e estão lançando uma nova modalidade de cinema, que chamam de "cine paredão", atraindo espectadores para o meio da rua. O que mudou em suas vidas é que Davi e Michel não dispõem do mesmo tempo e condições de antes; aspectos responsáveis por um acompanhamento quase diário das ações de mobilização, o que tem se mostrado de suma importância para um caminhar sustentável.

Confluindo olhares - à guisa de considerações finais

No segundo semestre de 2005, o projeto tem como resultados principais o avanço de pessoas que começaram na alfabetização e hoje estão entre a 2ª e a 7ª séries do ensino fundamental; o interesse pela cultura a partir de uma visão mais ampla adquirida nas discussões promovidas nas diversas sessões de cine-clubes; a descoberta do potencial para ensinar pessoas da comunidade considerando os saberes existentes, disseminados por meio de oficinas do aprender; o desenvolvimento da capacidade de elaborar projetos que têm como objetivo beneficiar as pessoas do Riacho Fundo II, com vistas a torná-las multiplicadoras da proposta de comunidade educativa; a abertura de oportunidades de crescimento intelectual, de liderança, de ensinar, de ser útil na dimensão coletiva, de ampliar a visão de mundo, enfim, de potencializarem sua cidadania.

Esses resultados não são adquiridos em um curto período de tempo. Também não são perceptíveis ou sensíveis de imediato aos olhos de quem é um mero observador ocasional, externo ao projeto. Há, nas pessoas

que participam do projeto, uma outra forma de “medir” resultados, porque eles assim como fazem o projeto são também feitos, ressignificados pelas próprias ações realizadas no mesmo. Capturar esse movimento constante, dialético requer uma educação do olhar e uma abertura para múltiplos olhares, já que o real é o que é e também o vir a ser. Dessa forma é necessário auscultar os sujeitos e o significado dos seus movimentos inseridos num contexto maior que os condicionam e são condicionados, relativamente, pelos mesmos. É nesse contexto que se constroem Comunidades Educativas.

Paulo Freire (2000, p. 90), sabiamente disse:

não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no

mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’.

O projeto propõe que as pessoas se envolvam e se tornem sujeitos dessa nova construção. Essa tarefa é difícil à medida que, ao esperar maiores adesões da população, há um enfrentamento quase que silencioso, mas devassador das iniciativas e da busca por melhorar as condições básicas de sobrevivência, que são as tradicionais atuações de instituições, associações, cooperativas de moradores ou políticos que têm realizado práticas assistencialistas, reforçando a cultura negativa do voto em troca de algum benefício. Segundo Farias,

a cidade que educa tem que ser plenamente responsável por prover as condições externas do educar: se não pode fazer todos iguais e sequer educar a todos por igual, deve ser patrocinadora



Líderes Comunitários

de igualdade de direitos e oportunidades, de respeito à liberdade de idéias e convicções, de exercício da ação política, de acesso aos bens públicos e à dignidade humana em todos os sentidos. (1997, p. 142)

A comunidade educativa é a possibilidade de vencer desafios para conseguir, a partir do potencial educativo da comunidade local, construir e desenvolver processos de autogestão. Há uma luta, nesse processo, para a manutenção da proposta do projeto sem recursos da instituição universitária. Os recursos investidos mediante a inserção de um professor são importantes, mas a comunidade necessita de um mínimo de estrutura local para começar a exercer o direito à autonomia com menos desgaste e menos tempo.

Um outro desafio é a academia saber andar junto à comunidade, onde se desenvolve o projeto. Esse espaço é de mútua aprendizagem. O tempo da academia é diferente do tempo da comunidade (SOUSA, 2003). O respeito pelo ritmo, em geral, mais lento, porque mais digerido, mais carente de recursos de todos os níveis é importante, porque a pressa faz com que o lado mais rápido tome as iniciativas e as frentes de ação, imobilizando a outra parte, que, num histórico círculo vicioso de dominação versus dependência, continuará mantendo ou aumentando a distância entre os que pensam e os que agem, entre os que planejam e os que executam, entre ricos e pobres.

Todavia, vale observar que quanto à questão dos ritmos das organizações populares, é preciso recordar de uma das premissas do trabalho de educação popular que visa a sustentabilidade de suas ações, isto é, o “partir da realidade”: partir da organização popular, sua história, constituição etc. No entanto, o fato de “partir da realidade” não deve implicar numa ação de mera acomodação ao ritmo da organização popular, porque não existe um ritmo natural, como alguns pensam, uma vez que as classes populares não têm qualquer ritmo “natural” de conscientização ou organização. Os ritmos são construções sociais entre sujeitos que tanto podem gerar relações de poder autoritárias, quanto democráticas. As lideranças, especialmente os intelectuais, determinam, em parte, o ritmo de um projeto, de um movimento. Assim, as causas de um emperramento

ou fracasso no desenrolar das ações educativas refletem, em grande medida, a incapacidade da liderança de avaliar o processo corretamente. É preciso avaliar criticamente tanto processos que são vagarosos demais, quanto ações baseadas no “vanguardismo”, pois “o povo não seguirá movimentos que radicalizam a partir do começo e pouco têm em comum com suas concretas necessidades materiais”, bem como “também abandonará um movimento que não vai a lugar algum”. (SOUSA, 2001; MAINWARING, 1986, p. 219).

Outros desafios-questionamentos emergem da nossa prática. Focar a questão da sustentabilidade das ações do projeto nos traz outras questões como: O que é qualidade em um projeto? É importante ter qualidade? Se sim, estamos abertos institucionalmente a propiciar uma qualidade construída por muitas mãos e assim sendo, sustentável? Qual é o investimento feito para dar sustentabilidade a um projeto como o da Alfabetização e Comunidade Educativa? Deve-se escolher o caminho mais rápido e visível, porém com parca participação e sustentabilidade ou há preferência, inconfessa, pelo apoio à criação de uma base com um mínimo de autonomia dos participantes do projeto na comunidade?

As reflexões sobre as ações do projeto têm confirmado que ao se adotar uma perspectiva de gerar um conhecimento comprometido com o desenvolvimento integrado e sustentável de uma comunidade, isso deve ser traduzido como qualidade de vida. E o entendimento de qualidade de vida, para a equipe multidisciplinar de professores do Projeto Alfabetização Comunidade Educativa da UCB é o de que:

a melhoria da qualidade de vida de todos começa com a melhoria da qualidade de vida dos pobres. Logo, o desenvolvimento sustentável tem como condição fundamental à participação dos pobres na definição do que significa melhoria da qualidade de vida para eles. Dessa forma, quanto maior for o nível educacional e de politização dos pobres, menor serão as possibilidades de se deixarem iludir e manipular. (UCB - PAA, 2001)

Dessa forma, a construção da Comunidade Educativa está baseada na idéia e prática de que a aprendizagem é construída por meio da participação efetiva de seus

diferentes membros, do diálogo e da troca de diferentes experiências e conhecimentos. Portanto, a Comunidade Educativa é fruto de um projeto de educação popular e comunitária, onde a experiência de aprender é experimentada como um desejo de embelezamento das pessoas, da sociedade e do meio ambiente.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Vânia. Alfabetização: (re)conhecendo histórias, (trans)formando realidades. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2. **Anais...** BH: UFMG, 2004. CD ROM.

CUNHA F., José Leão. **Alfabetização e comunidade educativa**. Digitado. Brasília, 2001.

DEBRAY, Régis. **Morte e Vida da Imagem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARIA, José Henrique de. Ser da cidade um eterno aprendiz. In: ZAINKO, Maria Amélia S. (org) et al. **Cidades educadoras**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997. p. 141-144.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em <<http://www.districtofederal.df.gov.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2005.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Secad**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/index.php?option=content&task=view&id=105&Itemid=236>> . Acesso em: 28 jun. 2005.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Teoria e método em uma experiência de Educação Popular: Anotações sobre a proposta metodológica do Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação do Centro-Oeste, 2003, Campo Grande -MS. **Anais ...** Campo Grande-MS: UCDB/UFMS, 2003. CD ROM.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Relações de Poder no discurso e prática de assessoria das ONG's. In: XV Encontro de Pesquisa Educacional das regiões Norte e Nordeste: Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania, 2001. São Luís - MA. **Anais...** São Luís - MA: UFMA, 2001. CD ROM.

SOUSA, Leidiane. Tão bom tempo. Vídeo produzido como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social/UCB, 2004.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA – Programa de Alfabetização de Adultos – PAA – **Desenvolvimento Sustentável: qual tem sido o nosso entendimento e desdobramentos para a Comunidade Educativa** – Equipe do Programa de Alfabetização de Adultos – PAA – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 18.05.2001. (mimeo)

VIEIRA, Adriano J. H.; CARVALHO, André L.; ODA, Elizabeth A. Educação e Cultura no Riacho Fundo II. In: CORRÊA, Edison J.; CUNHA, Eleonora S. M.; CARVALHO, A. M. (orgs.). **(Re)conhecer diferenças, construir resultados**. Brasília: UNESCO, 2004. p. 271-279.